

NÓS DO PANO

BONECAS NEGRAS ABAYOMI



sala **minC/FUNARTE**
do artista popular

COORDENAÇÃO DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR

56

NÓS DO PANO

BONECAS NEGRAS ABAYOMI

MINISTÉRIO DA CULTURA / FUNARTE
COORDENAÇÃO DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR
1995

Ministro da Cultura

Francisco Weffort

Fundação Nacional de Arte**Presidente**

Márcio Souza

Coordenação de Folclore e Cultura Popular**Coordenadora**

Claudia Marcia Ferreira

Coordenação de Edições**Coordenadora**

Rosalina Gouveia

Responsável pela Sala do Artista Popular

Ricardo Gomes Lima

Equipe responsável pela exposição

Luiz Carlos Ferreira

Maria Helena Torres

Fotos

Décio Daniel

Edição

Lucila Silva Telles

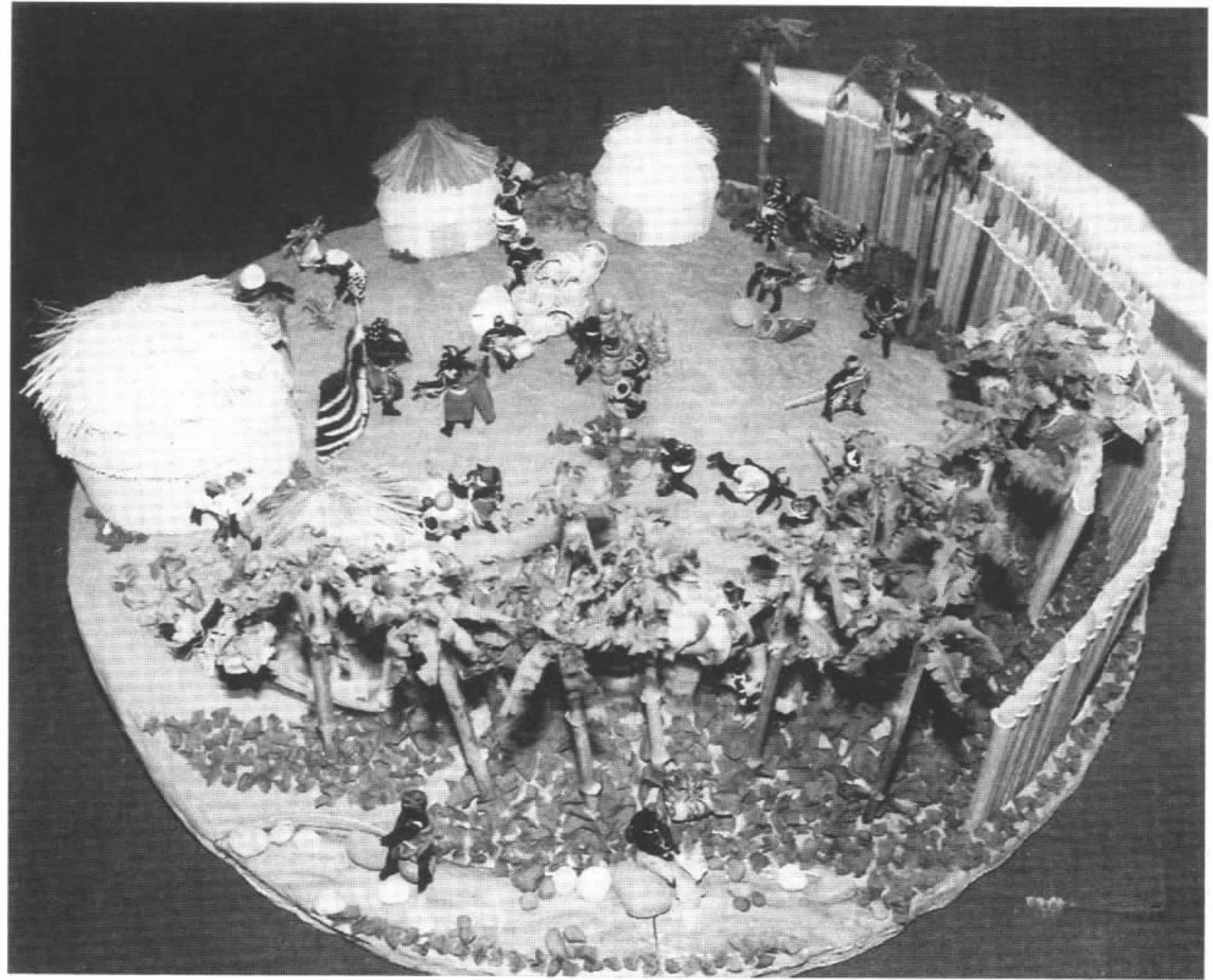
Projeto gráfico

Maria Alzira e Fernanda Lemos

Produção gráfica

Luís Carlos Falcão





SALA DO ARTISTA POPULAR

A Sala do Artista Popular, da Coordenação de Folclore e Cultura Popular, da Funarte, criada em maio de 1983, tem por objetivo proporcionar um espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não somente a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de conhecer realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto do artesão com o público,

criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

A CFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, a CFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias à sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Em 1989, final de governo, a Funarte, como qualquer instituição pública federal, passava por dificuldades. A Sala do Artista Popular, tanto quanto os demais setores do então Instituto Nacional de Folclore, atual Coordenação de Folclore e Cultura Popular, mantinha-se aberta pela esperança de dias melhores, que viessem aliviar a carência de recursos. A cooperativa Abayomi, iniciante - tinha pouco mais de um ano -, escolhida para ocupar o espaço, viu-se prejudicada por uma exposição sem cartaz, sem catálogo, sem sequer convite. Não havia verba. As esperanças se viram frustradas, e a instituição, estraçalhada. Nos planos, permaneceu o firme propósito de pagamento da dívida - com o grupo, com o público, com a equipe. Esta mostra, que traz para o espaço da Sala do Artista Popular um quilombo, símbolo de resistência, representa para a equipe da Coordenação o prazer de honrar seus compromissos, sobretudo pelo fato de poder fazer isso oferecendo ao público tão bela expressão da cultura popular deste país.





NÓS DO PANO

bonecas negras

Abayomi

Se na cidade grande o hábito é cada vez mais raro, no interior quase todas as crianças fazem seus próprios brinquedos, as bonecas geralmente com trapos. Ninguém pára para aprender, porque se cresce vendo alguém fazer, tia, avó, mãe, prima ou irmã mais velha. Algumas deixam de fazer, mas não esquecem. Há quem faça com mais capricho ou requinte, mas todas as meninas das cidades pequenas ou afastadas dos pólos industriais sabem fazer.

Na família de Lena Martins, como em todo o Maranhão, as mulheres fazem bonecas. Lena nasceu e cresceu vendo e fazendo. Veio para o Rio com oito anos, trazendo registrada na memória a arte daquele ofício. Foi num Ciep da Cidade de Deus, como animadora cultural, que, avaliando a importância da reciclagem em situação de carên-

cia material e do resgate da auto-estima em segmento desfavorecido, respaldada por sua criatividade, inventou a boneca Abayomi.

A originalidade está, entre outros fatores, na técnica: enrolar e atar, modelando a forma sem apelar para cola ou costura; uma tesoura e alguns pedaços de pano bastam.

Não fosse Lena quem é, a boneca seria mais uma, desde aquele julho de 1988. Dona, entretanto, de grande sensibilidade e extremo bom gosto, além de intensamente zelosa de seu papel de mulher de origem negra, de cidadã à beira do século 21, de educadora de crianças de poucos recursos, ela aprimorou o trabalho e hoje consegue sintetizar em 2cm de pano enrolado e atado sua contribuição à dignidade. Mas pode também estendê-la em bonecas de grande porte.

Reconhecendo que individualmente atingiria espaço sempre reduzido e atraindo para sua sintonia outras energias, ela conseguiu, ainda em 1988, reunir três mulheres com as mesmas expectativas, apesar de histórias as mais variadas, pois suas idades - e conseqüentes experiências - se distribuem ao longo de faixa etária bastante ampla.

enrolar e
atar,
modelando a
forma sem
apelar para
cola ou
costura

Atualmente, a cooperativa reúne dez mulheres, solteiras, casadas, separadas, recasadas, com filhos, sem, com netos, já aposentadas, ainda estudantes, de temperamentos variados, atitudes próprias e um denominador comum: meu presente, que é o que significa abayomi em yorubá. Presente que pode ser tempo, momento atual, fase de vida, etapa maior em que se encontraram seus caminhos. Que pode ser afago traduzido em oferta de algo belo e delicado, com ou sem data específica, carinho que se faz quando se gosta. Que pode ser resposta à chamada de participação na construção da sociedade em que se vive, de onde se obtém a sobrevivência e o prazer de produzir, e onde se manifesta desde a expressão estética até a ideologia que se comunga. Que é, afinal, tudo isso junto, quando se trata da cooperativa Abayomi: Zeza, Angélica, Regina, Luiza, Flávia, Isa, Lena, Shirley, Sônia e Sílvia.

Nós e laços

Zeza acompanha Lena, na condição de observadora, desde a criação da primeira boneca, guardada com zelo no acervo do grupo, quando ambas atuavam como animadoras culturais; por isso, apesar da entrada recente para a cooperativa, mesma condição de Shirley, é íntima do trabalho; atualmente, dada a urgência de produção e sua prática ainda modesta, ela se especializou em preparar as cabeças, tarefa bastante compatível com sua outra atividade, terapeuta de florais de Bach. Shirley a auxilia na produção das cabeças não só porque ainda não adquiriu a agilidade das "antigas", mas sobretudo devido ao perfeccionismo - é a única que desmancha as bonecas quando não ficam do jeito que ela imagina. Seu nível de exigência se deve talvez ao fato de ser, além de atriz, circense, o que lhe ensinou, com certeza, a obsessão com os detalhes, pois disso depende sua própria segurança.

Apesar de ser profissão incomum, a Abayomi consegue reunir três atrizes que são circenses. Além de Shirley, Angélica e Regina

também o são, a primeira por decorrência do curso na Escola Martins Pena, onde descobriu o universo do circo, a outra por perseguição de sonho antigo. Regina só conseguia se imaginar atuando no picadeiro, nos trapézios, na corda bamba e fez por onde até conseguir entrar nas malhas do circo. Foi ela, naturalmente, quem levou para a cooperativa as trapezistas, leves bonecas que voam, como voa a imaginação de Regina e Angélica: mal pegam um tecido, já têm uma trapezista, bailarina ou um domador em mãos; Lena, quando resolve partilhar o tema, só consegue modelar palhaços.

A história de Sônia no grupo é *sui generis*; animadora cultural, capoeirista e fotógrafa amadora, foi chamada para a função de produtora da cooperativa. Perto de tanto pano, acabou botando a mão na massa, acrescentando à produção do grupo os conjuntos de capoeiristas e tocadores de berimbau; daí em diante, ninguém mais conseguiu fazê-la parar de fazer bonecas, apesar de não abrir mão da tarefa para a qual foi contratada.

Acumular funções, entretanto, não é privilégio seu nem de Regina, a tesoureira; todas elas, de acordo com a disponibilidade

do momento, assumem os vários afazeres para o bom andamento das atividades.

Flávia é, entretanto, a que dispõe de mais flexibilidade em termos de horário, uma vez que seu único compromisso fixo é com o curso de Mestrado em Psicologia. É ela, portanto, quem organiza os textos, faz a produção do material de divulgação e redige os projetos enviados para instituições financiadoras. É de Flávia a criação da boneca miniatura, broche delicado e colorido que, possivelmente, confere a quem o usa um bom astral.

Luiza é professora, aposentada recentemente. Sua fala pausada e mansa bem revela seu preciosismo na confecção das bonecas; minuciosa ao extremo, é, conseqüentemente, a mais lenta do grupo. Seu trabalho é um acalanto quando é sua a responsabilidade da oficina. Os orixás foram trazidos para o acervo Abayomi por idéia e empenho seus.

Isa e Sílvia trabalham em casa, garantindo a infra-estrutura da cooperativa. Filha e irmã de Lena, as três se encontram com frequência que permite a atualização de todos os assuntos. Por força de suas ocupações, Sílvia é quem recebe recados e os repassa, faz todos os contatos telefônicos

um dos objetivos do grupo é fortalecer a auto-estima de negros e seus descendentes

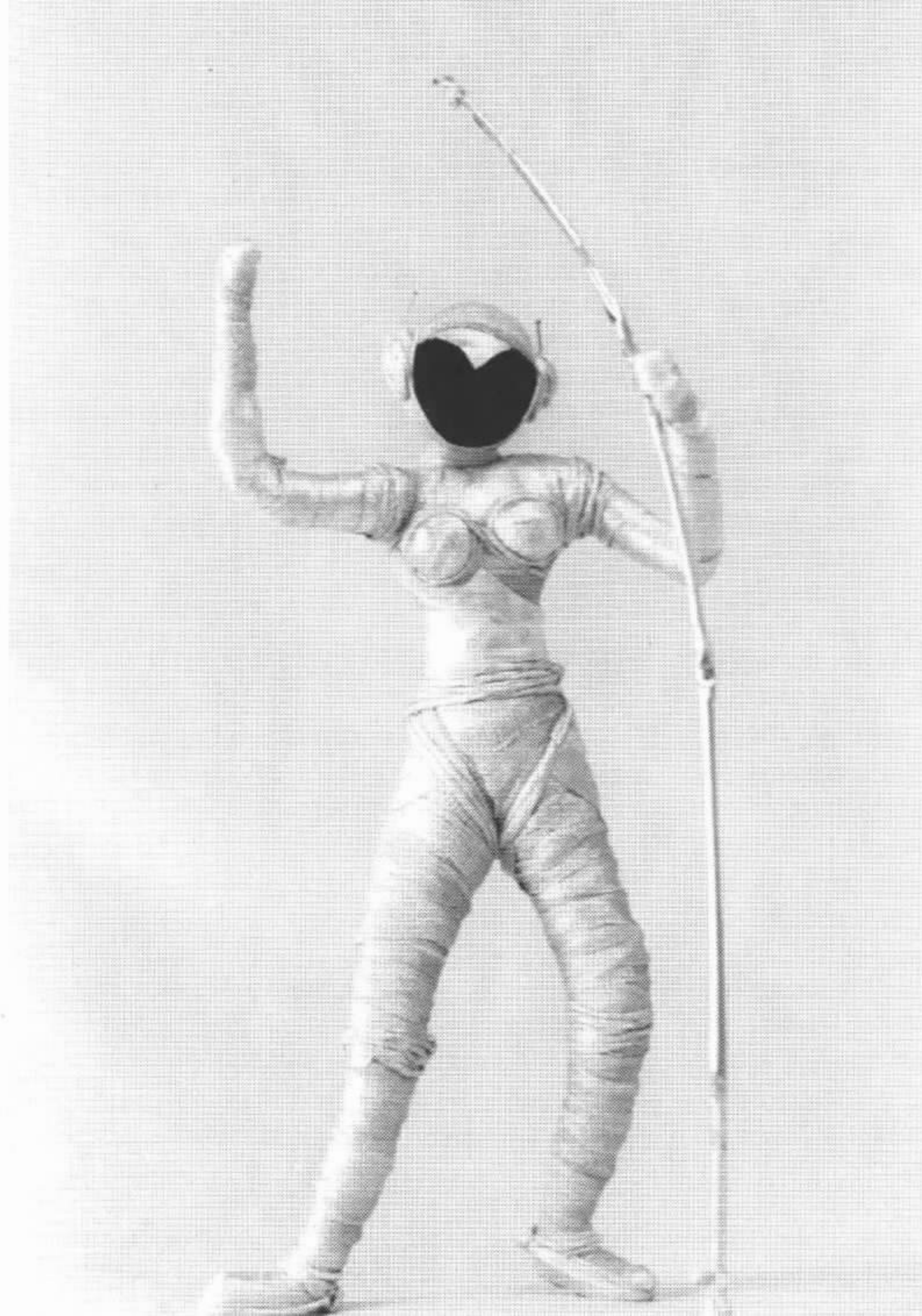
e ainda dá uma força a Isa, dona de uma confecção, que é a responsável pela preparação do material para a modelagem das bonecas. Corta todos os tecidos, deixa pronto tudo o que vai ser usado nas oficinas, organiza, enfim, a produção, agilizando-a.

Por laços de trabalho, família, amizade ou ideologia, a entrada de cada uma delas caracterizou-se, sem exceção, por processo quase natural, espontâneo, de pertencimento. Comunhão de ideais, entrosamento de ações que se refletem na produção das bonecas.

A quota individual por semana, de 25 bonecas, garante certa tranquilidade com relação ao estoque para venda, bem como viabiliza resposta imediata aos convites de exposição do trabalho. Além disso, há o processo de criação coletiva, como, por exemplo, o bumba-meu-boi, em fase de confecção, que será exposto no Maranhão, em julho, ou o quilombo aqui mostrado.

As bonecas grandes, em geral, são de autoria coletiva, a menos que haja uma pesquisa em andamento, que, no saldo de erros e acertos, resolve um problema, gratifica uma curiosidade ou teimosia, socializa, enfim, o permanente desenvolvimento da técnica.





Dúvidas e sugestões são sempre compartilhadas, mas é certo que cada uma traz sua marca, seu interesse específico e até seu momento de vida pessoal.

A oficina

Selecionado o material necessário ao grupo de participantes, entre 20 e 25 pessoas, desenha-se com ele uma mandala, respeitando a ordem de retirada, para que, até o final, a estética seja mantida, bem como para facilitar o acesso. As pessoas sentam-se em círculo e começam a conversar sobre o que vão fazer: o bebê Abayomi. Discute-se durante os 90 minutos que dura o trabalho questões diversas, desde a negritude, uma vez que o bebê terá, necessariamente, a pele negra, como todas as bonecas, sendo isso uma de suas principais características, até assuntos filosóficos ou quase, pois cada um explicita para o grupo o que pretende colocar na cabeça de seu bebê. Ter habilidade ou não é tema abordado, porque essa, em

transformando
pano, contas,
palha-da-costa,
fios diversos,
peles, em
personagens
individualíssimos

geral, costuma ser a justificativa para velar timidez, dificuldade de se relacionar em público e, mesmo, de se entregar, completamente, a uma atividade lúdica.

Depois de escolhida e separada a erva aromática que recheará a cabeça do bebê, começa a modelagem, com pano preto, em geral malha, jérsei ou qualquer tecido macio. Segue-se a escolha das fazendas coloridas, para enrolar o bebê, cujo corpo não aparece, sempre protegido por seus agasalhos, mas também pelas canções de ninar que o grupo entoa enquanto trabalha.

Os segredos da técnica vão sendo revelados, enquanto cada participante - já então totalmente ocupado em projetar naquele pequeno ser todas as suas expectativas com relação ao mundo, à vida, seus sonhos, suas dificuldades -, de acordo com o gosto pessoal, enfeita seu bebê, conversa com ele e, inevitavelmente emocionado, retorna ao grupo o relato de seu processo individual de criação.

Essas oficinas são realizadas em eventos diversos, e o grupo está tentando obter financiamento específico para poder realizá-las em hospitais e escolas públicas, para grupos de meninos e meninas de rua, enfim, para quem não tem condições de pagar, mas

tem vontade de participar do trabalho. A expectativa aumentou depois que a cooperativa conseguiu financiamento de uma instituição alemã que lhe permitiu alugar a sala onde atualmente são feitas as reuniões, o material é guardado e os contatos são mantidos. Um endereço central que em muito facilita a vida das dez artesãs, permitindo que suas casas fiquem livres de um ateliê ambulante.

Três pontos fundamentais

**É negra, é negra, é negra
a tua presença**

Como nos versos de Caetano Veloso em *A tua presença*, toda a produção da cooperativa tem presença negra, porque um dos objetivos do grupo é exatamente fortalecer a auto-estima de negros e seus descendentes, num país que se diz sem preconceito, mas que o pratica rotineiramente, às vezes até 'sem perceber', e que, afinal de contas, tem enorme população negra, para

não falar na mistura de raças, tão característica do brasileiro.

Pela valorização da afro-brasilidade, surgiram bonecas capoeiristas, orixás, personagens do folclore de origem africana e, este ano, em homenagem aos 300 anos da morte de Zumbi, elas resolveram montar um quilombo.

Luiz Carlos Nein, profissional do barracão da Mocidade Independente de Padre Miguel e amigo pessoal das meninas Abayomi, confeccionou a estrutura, para onde, posteriormente, foi transferida uma população de escravos fugidos, ávidos de liberdade, saudosos de seus costumes nativos, de suas trocas de experiência e conhecimentos, saturados de obrigações tantas vezes aviltantes.

Lá organizaram-se de forma a garantir sobrevivência e resistência. Cozinham, pescam, caçam, fabricam cestos, tijolos e potes, utensílios de ferro, curtem peles de animais, tecem, tingem os panos com os coloridos de que tanto gostam, cantam, dançam, preparam-se para o sempre possível e temido embate com o inimigo, fabricando armas e se exercitando na capoeira; cultuam seus deuses, erguem suas moradias e confeccionam suas roupas, reprodu-

zem-se em liberdade e criam seus filhos com a dignidade que preservaram em seus corações durante tanto tempo de sofrimento e revolta. Liberdade e dignidade reproduzidas nas cerca de 40 bonecas que habitam o quilombo Abayomi.

Outro ponto de destaque é a questão da reciclagem. Se na natureza tudo se transforma, como registrou Lavoisier, nas mãos das artesãs da cooperativa Abayomi, também, tudo se aproveita, transformando pano, contas, palha-da-costa, fios diversos, peles, em personagens individualíssimos.

A idéia é produzir arte compatível com a carência geral do tempo em que vivemos. Aproveitando sobras, algumas mínimas - quem guardaria 5cm de renda, por exemplo? -, reciclando o que malharias, confecções, barracões de escolas de samba, fábricas e tantos amigos jogariam fora, elas dão sua colaboração à manutenção da dignidade da vida.

O esquema para recolher o material necessário requer organização, tempo e transporte, pois, como as fábricas e confecções doam suas sobras, é preciso estar a postos nos horários estipulados.

Quanto à técnica - muito embora tenha sido grande a evolução desde a primei-

comunhão de
ideais e
entrosamento
de ações
refletem-se na
produção das
bonecas

depois de
escolhida a
erva aromática
para a cabeça
do bebê, começa
a modelagem,
com pano preto,
em geral malha,
jérsei ou
qualquer tecido
macio

ra boneca até hoje -, é o terceiro lado do triângulo em que se apóia a produção. Não há linha no ateliê, porque nada se costura. A pouca cola que pode ser encontrada serve para fechar envelopes e fixar selos na correspondência do grupo. Tesouras há muitas, pois é o instrumento de trabalho. O resto é técnica, e essa se resume em enrolar e dar nós, modelando com o tecido a forma desejada.

Na prática, tipo ensaio e erro, foi sendo aprimorada a primeira boneca, e hoje seus pares têm feições, mãos e dedos, peitos generosos, bundas sensuais, movimento insinuado pela própria forma, a leveza de sempre, e todas, sem exceção, se mantêm, por si mesmas, de pé, sentadas, ajoelhadas, de cabeça para baixo ou na posição idealizada, sem apoio ou armações de outro material que não seja pano.

Essa criação de Lena é reconhecida pelo grupo, que separa para ela 5% das vendas e de qualquer entrada de dinheiro na cooperativa, à guisa de direito autoral. Ao longo do tempo e no trabalho do dia-a-dia, outras criações se foram somando, como a boneca miniatura, sucesso insuperável de venda, paixão de quanta menina a vê; os

conjuntos, como presépios, cenas de capoeira e famílias; as bonecas que sugerem movimento, seja no jogo da capoeira, seja na magia do trapézio.

Atualmente há bonecas bem grandes, peças de criação coletiva, mas perseguidas por Lena, que durante mais de um ano usou parte de seu tempo dedicada ao desafio da peça grande - uma velha, de aproximadamente um metro - e detalhada que respeitasse os três pré-requisitos da Abayomi: negritude, reciclagem e técnica, que lhe formam o caráter e a alma.

Maria Helena Torres

ABAYOMI

Rua da Lapa, 120 salas 810-811
Telefone para contato
342-9853, com Sílvia



ABAYOMI: Sônia, Shirley, Angélica, Lena, Zeza, Regina, Luiza, Flávia.

MINISTÉRIO DA CULTURA / FUNARTE